

## Mãelhação: mulheres-artistas-mães-acadêmicas-etc. e o sistema das artes

*“Mãelhação”: women-artists-mothers-academics-etc.  
and the arts system*

Michelle Farias Sommer

 0000-0002-8689-2622

### Resumo

Considerando o debate sobre mulheres-artistas e mulheres-artistas-mães no sistema das artes e a inserção recente do tópico ‘maternidade’ no universo acadêmico, o ensaio se propõe a contribuir para os questionamentos acerca das condições de produção artística e teórica e suas formas de legitimação a partir desse recorte. Da força de criação (aqui, em sua derivação literal) ao endereçamento de criação artístico-teórica das sujeitas (re) produtoras de arte, o que a palavra ‘artistas’ acoplada às expressões mulheres-mães-artistas e mulheres-mães-artistas-acadêmicas-etc. gera, hoje? Nesse contexto, as perguntas históricas suscitadas pelos estudos feministas são guias para (auto)validação de outras formas de criação, também teóricas, na associação feminismos-arte-maternidades-academia em uma perspectiva que situa pontos de vista a partir do Brasil sob a regência plural de precarizações. A ‘maternidade’ que invade a academia, porém, evidencia simultaneamente as gritantes ausências da falta de condições para a criação na divisão desigual do tempo e condições de produção também entre mulheres. E, assim, mantém-se em aberto a pergunta: ‘Quem é que não está aqui?’

### Palavras-chave

Arte contemporânea. Maternidade. Academia.

### Abstract

*Considering the debate about women-artists and women-artists-mothers in the arts system and the recent insertion of the topic ‘motherhood’ in the academic universe, the essay proposes to contribute to the questions about the conditions of artistic and theoretical production and its forms of legitimation based on this topic. From the force of creation (here, in its literal derivation) to addressing the artistic-theoretical creation of the subjects (re)producers of art, what does the word ‘artists’ mean when coupled with women-mothers-artists and women-mothers-artists-academics-etc. generates, today? In this context, the historical questions raised by feminist studies are guides for the (self)validation of other forms of creation, also theoretical, in the association feminisms-art-maternities-academy in a perspective that situates points of view from Brazil under the regency plural of precarizations. However, the ‘motherhood’ that invades the academy shows, simultaneously, the glaring absences of the lack of conditions for creation in the unequal division of time and production conditions also among women. And so the question remains open: ‘Who is not here?’*

### Keywords

Contemporary art. Motherhood. Academic field.

## Arte, experiência e subjetivação à luz e à sombra da maternidade

Se o fim, em uma experiência estética, é vivido como a consumação de um processo (Dewey, 2010), a experiência estética aliada – ou, melhor – em fricção à experiência plural da maternidade (não submetida a uma totalidade) é a literalidade da possibilidade de construção de um fim para outros inícios. Na experiência plural da maternidade, dividida em um antes e um depois de um processo de consumação sem fim (em termos de término e finalidade), pode estar, também, a autêntica experiência de consumir-se.

Consumir-se, sinônimos: extinguir, sumir, eliminar, reduzir, acabar, diminuir, evaporar, morrer, sucumbir, esgotar-se, esvaecer-se, *entregar-se*, cansar-se, extenuar-se, esfolar-se, gastar-se, afundar, dissipar, cessar, desaparecer, desfazer-se, apagar-se, dispersar-se, torcer, sofrer, padecer, afligir-se, roer-se.

Era uma vez uma mulher<sup>1</sup> que se tornou *tornando-se* – gerúndio incessante – mãe. Um hífen acopla-se à mulher / mulher-mãe / unificando e separando um mesmo (mesmo?) ser. A ambivalência é também fundadora da maternidade. Se não é possível apontar precisamente o que é a experiência – qualquer experiência, considerando sua qualidade individualizante – é possível, talvez, circunscrevê-la (Jay, 2005). Nesse sentido, as palavras experiência e liberdade podem ser análogas no sentido de que ambas, redundantemente utilizadas, nunca conseguem ser apreendidas em sua completude. Sobre a experiência materna, o mesmo. Logo, o esforço aqui reside em contextualizar a pluralidade de significados que operam junto-com e emergem a partir das transformações-revoluções do tornar-se *tornando-se* mulher-mãe.

Aqui, entende-se ‘maternidades’, no plural, a partir de perspectivas feministas contracoloniais interseccionais avessas à ‘instituição maternidade’, à maternidade compulsória e sua instrumentalização pelo patriarcado, e que,

---

<sup>1</sup> Neste ensaio, a terminologia mulheres pauta-se em critérios de autoidentificação de gênero e não endossa nenhuma classificação baseada em qualquer tipo de essencialismo biológico. Nesse contexto, considerando os atuais estudos de gênero, as abordagens feministas contracoloniais interseccionais são elementos estruturantes dessa perspectiva.

fundamentadas em um direito de escolha, atentam de forma crítica e ativista, para as práticas que constroem os recursos para o exercício da maternidade e maternagem como algo intrinsecamente pautado pelo meio em que ela se dá.

“Educação sexual para decidir, contraceptivos para não abortar, aborto legal para não morrer” é o lema da luta internacional pela legalização do aborto. Registra-se que, nas violências heteropatriarcais em relação aos direitos reprodutivos como um todo, o Brasil caminha em direção contrária às recentes conquistas do direito ao aborto em países latino-americanos.<sup>2</sup> Aqui, o aborto induzido é crime, com penas previstas de um a três anos de detenção para a gestante, e de um a quatro anos de reclusão para o médico ou qualquer outra pessoa que realizar o procedimento de retirada do feto. Em vez de um direito, o acesso ao aborto seguro, no Brasil, é um privilégio de classe.

Os contornos cambiantes da subjetividade, ou seja, nossa foto atual de (algum) reconhecimento de si é radicalmente alterada no nascimento da maternidade quando nascem, também, outros/novos processos de subjetivação derivados da acentuação do jogo de relações que se estabelece entre um eu-outro; um eu-é-o-outro na composição da díade mãe-bebê.<sup>3</sup>

No estranho familiar da nova composição, há uma certa sensação *homeless*, sem o ‘em casa’ do sentimento de reconhecimento de si. A casa se ampliou? A casa se dissolveu? Do encantamento ao apocalipse (e vice-versa), como recompor ou compor uma nova identidade entre fusões, difusões, misturas, fluxos nesse agora junto-com um eu-outro?

---

<sup>2</sup> Dos 13 países que integram a América Latina, seis legalizaram ou descriminalizaram a interrupção da gravidez: Argentina, Chile, Colômbia, Guiana, Guiana Francesa e Uruguai; outros seis permitem o procedimento, mas só em casos de a gravidez resultar de estupro ou poder causar a morte da mulher – o Brasil integra esse grupo. O Suriname é o único país sul-americano que proíbe o aborto em qualquer circunstância (Center for Reproductive Rights. Disponível em: <https://reproductiverights.org/maps/worlds-abortion-laws/>; acesso em out. 2022).

<sup>3</sup> Agradeço a interlocução de Cecília Cavalieri durante o processo de composição deste texto e a preciosa complementação da frase que adiciono aqui diretamente dos comentários realizados no manuscrito final: “esse eu-outro também é processual. pensando aqui: esse outro não nasce assim tão outro. esse tornar-se outro do bebê também não é dado. não de uma hora pra outra bebê deixa de ser um “órgão” para ser sujeito. tem aquela palavra que eu gosto... miríade. tem uma miríade de eu-outro antes de eu e de outro. eu-o / eu-ou / eu-out / eu-outr / eu-outro / u-outro / -outro / outro”.

Com o nascimento da maternidade, de forma circunstancial e mais ou menos momentânea, o imperativo micropolítico é categórico na regência das forças que agitam a realidade, dissolvendo suas formas e engendrando outras, envolvendo desejo e subjetividade para tudo aquilo que está concentrado na esfera da vida privada. É extenso o debate sobre a ausência de recursos estruturantes para o exercício da maternidade e maternagem, uma deficiência que se torna imediatamente visível após o nascimento. Na pauta da economia dos cuidados, entre tantos tópicos que excedem o tamanho deste ensaio, estão a remuneração do trabalho reprodutivo, a ampliação de licença-maternidade – atualmente pautada em 120 dias de acordo com a Consolidação das Leis do Trabalho, enquanto a Organização Mundial da Saúde preconiza mínimo de 180 dias de aleitamento materno exclusivo, evidenciando tempos díspares para dedicação exclusiva ao recém-nascido –, a presença e/ou ausência de redes de apoio (espontâneas ou pagas e respectivas questões intrínsecas a cada uma), a terceirização de cuidados na primeira infância etc.

Se, porém, a subjetividade hoje se caracteriza pela ubiquidade de um estado *over* disponível às exterioridades (Rolnik, 1998), como, então, relacionar-se novamente de outra forma (talvez nova) com o macropolítico nesse pós-nascimento? Sob a regência da economia do cuidado, o imperativo da vida adulta materna é, entre tantos outros, sobretudo um: reinventar-se.

No grande corte da maternidade – também literal, em que incidem revoltantemente os cortes das violências obstétricas impostos sobre os corpos subalternos e os metafóricos, tão plurais e diversos no sentido de ruptura de um mundo anterior tal e qual o conhecíamos – um hiato é introduzido na e para a composição mulher-mãe. E é nesse hiato, a partir da (des)construção da força criadora materna (avessa a romantismos e na plenitude frágil de sua fragmentação inerente), que reside, também, a potência do ato criador revolucionário da produção da diferença nos processos de subjetivação.

Da força de criação (aqui, em sua derivação literal) ao endereçamento de criação artístico-teórica das sujeitas produtoras de arte, o que a palavra ‘artistas’ acoplada às expressões mulheres-mães-artistas e mulheres-mães-artistas-acadêmicas-etc. gera hoje?

## Mulheres-artistas e/(ou?) mulheres-artistas-mães

“Existem bons artistas que têm filhos. Eles são chamados de homens”, disse a artista inglesa Tracey Emin em entrevista realizada em 2014, complementando: “a maternidade comprometeria o meu trabalho”.<sup>4</sup>

“Acho que ter filhos é a razão pela qual as mulheres não triunfam tanto como os homens no mundo da arte. Há muitíssimas mulheres com talento. Por que os homens alcançam posições tão importantes? Amor, família, filhos; uma mulher não quer sacrificar tudo isso”, afirma a artista sérvia Marina Abramovic em entrevista concedida em 2016. E acrescenta: “ter filhos seria um desastre para o meu trabalho”, “sou totalmente livre não tendo marido ou filhos”, “eu sou o trabalho de arte”.<sup>5</sup>

No bem-vindo debate público sobre as relações entre arte e maternidade, entre as muitas reações de mulheres-artistas-mães às polêmicas declarações de Emin e Abramovic, leem-se justificativas e argumentos que são tentativas manifestas de derrubar as teses das artistas. “Filhos podem impedir uma artista de ter êxito?” pergunta a matéria que publica a resposta da artista americana Hein Kho à entrevista de Abramovic.<sup>6</sup> “Você pode ser mãe e artista de sucesso”, afirma a plataforma *online* Artsy, em que várias mulheres-artistas-mães do mundo da arte posam com seus filhos.<sup>7</sup> “Todas as mulheres têm o direito de escolher ter filhos, ou escolher não ter filhos. E, como seus colegas homens, as artistas mulheres que optam por ter filhos não precisam sentir que precisam sacrificar suas carreiras ao se tornar mães”, conclui a matéria.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/people/tracey-emin-there-are-good-artists-that-have-children-they-are-called-men-9771053.html>. Acesso em out. 2022.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.tagesspiegel.de/gesellschaft/mit-70-muss-man-den-bullshit-reduzieren-4892326.html> e <https://www.theguardian.com/artanddesign/2016/jul/26/marina-abramovic-abortion-children-disaster-work>. Acesso em out. 2022.

<sup>6</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/06/cultura/1473174739\\_691531.html#:~:text=%E2%80%9CAcho%20que%20%5Bter%20filhos%5D,%C3%89%20importante](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/06/cultura/1473174739_691531.html#:~:text=%E2%80%9CAcho%20que%20%5Bter%20filhos%5D,%C3%89%20importante). Acesso em out. 2022.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.artsy.net/article/artsy-editorial-why-motherhood-won-t-hinder-your-career-as-an-artist>. Acesso em out. 2022.

Em 2018, Jori Finkel, jornalista americana, realiza o documentário *Artist and mother*, que investiga por que o mundo da arte contemporânea, que se orgulha de ser um espaço de absoluta liberdade de expressão, parece mais do que relutante em abraçar trabalhos de arte sobre maternidade.<sup>8</sup> E afirma: a maternidade é um dos últimos grandes tabus no mercado da arte, no mundo da arte contemporânea; e, “quando digo que é o último tabu, não quero dizer que seja literalmente indescritível, mas que é desvalorizado a ponto de não se falar sobre isso suficientemente”. “Onde está a maternidade nos livros didáticos? Onde está a maternidade nas exposições de museus? Às vezes, isso se infiltra no departamento de educação [...]”. E pergunta: “Como seria uma história da maternidade na arte?”<sup>9</sup>

Em 2019, o jornal *The New York Times*<sup>10</sup> noticia a história da curadora americana Nikki Columbus, que acusa o MoMA PS1 de rescisão de oferta de emprego para a vaga de curadora associada de performance do museu ao saber que ela havia dado à luz recentemente. Nikki, que entrou com uma ação de discriminação de gênero e discriminação de gravidez na Comissão de Direitos Humanos na cidade de Nova York, tornou público o acordo realizado com a instituição: além de compensação financeira pelos danos morais, o museu comprometeu-se a atualizar suas políticas destinadas a proteger as mulheres, pais e outros cuidadores que se candidatam a empregos ou trabalham na instituição e afirmou em nota, reproduzida na matéria do jornal: “Estamos satisfeitos com o acordo e estamos felizes em deixar esse assunto para trás”.

Em 2022, a Documenta 15 – cuja direção artística é conduzida pelo coletivo de arte e ativismo indonésio ruangrupa,<sup>11</sup> em edição que pela primeira vez é assinada por curadores não brancos e não europeus – insere crianças no centro das proposições artísticas como colaboradoras e público, em simultâneo.<sup>12</sup> Ao

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.theartnewspaper.com/2018/05/11/a-portrait-of-the-artist-as-a-mother>. Acesso em out. 2022.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.sothebys.com/en/articles/transcript-74-on-the-ground-in-l-a>. Acesso em out. 2022.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/03/26/arts/design/moma-ps1-settles-with-curator-who-said-giving-birth-cost-her-job-offer.html>. Acesso em out. 2022.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SsFPschEAhY>. Acesso em out. 2022.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://documenta-fifteen.de/>. Acesso em out. 2022.

entrar no Fridericianum, sede histórica da Documenta, os visitantes são recebidos no RURUKIDS,<sup>13</sup> um espaço comunitário dedicado a crianças de todas as idades. No mesmo espaço, ‘a artista, educadora e mãe’, como se designa Graziela Kunsch,<sup>14</sup> única artista brasileira a integrar a exposição, propõe Creche Pública, um serviço de creche funcional baseado em estudos sobre educação infantil da pediatra húngara Emmi Pikler (1902-1984).<sup>15</sup> Em ambos os projetos, os espaços estão integrados à exposição, diferentemente da tradicional separação que acontece com os espaços dedicados a crianças na maioria dos museus de arte ocidentais. No contexto da crítica de arte brasileira (ou, melhor, o avesso da crítica), uma matéria é publicada na *Folha Ilustrada* sobre a Documenta 15: o projeto de Kunsch, cuja autoria não é citada, é nomeado em tom jocoso de ‘creche’ no contexto da análise do ‘evento que achou por bem montar uma creche na área mais nobre do Fridericianum [...]’ onde ‘bem-estar coletivo, de fato, estava na ordem do dia dos bebês [...]’.<sup>16</sup>

O que, entretanto, a incorporação de crianças às exposições de arte contemporânea evidencia sobre o patriarcal sistema das artes?

Tratar crianças como público e participantes ativas de exposições – em oposição ao regime de adestramento imposto pela arte contemporânea com seus eventos assépticos sob a regência do império dos “não” (“não toque”, “não sente”, “não fale alto”, “não corra”, “atenção!”) – evoca o direito a habitar eventos públicos de arte com presenças manifestas não domesticadas (como são – ou deveriam ser – os corpos infantis).<sup>17</sup> O direito – de todes – às cidades, premissa do habitar urbano, expande-se ao direito – de todes – às exposições. Onde e quando crianças são acolhidas e incluídas, mães também socializam (registra-se: quando livres de assédios morais questionadores de ambas as

<sup>13</sup> Disponível em: <https://documenta-fifteen.de/en/rurukids/>. Acesso em out. 2022.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j0KjC9RSjtE>. Acesso em out. 2022.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://documenta-fifteen.de/en/lumbung-members-artists/graziela-kunsch/>. Acesso em out. 2022.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/06/documenta-de-kassel-tem-boate-fetichista-e-creche-para-mostrar-extremos-do-mundo.shtml>. Acesso em out. 2022.

<sup>17</sup> Após polêmicas envolvendo o direito de ir e vir das crianças, especialistas e cuidadores falam por que a sociedade deve acolher a fase em que cada criança se encontra, respeitando seu desenvolvimento. Disponível em: <https://gamarevista.uol.com.br/semana/ta-precisando-de-silencio/por-que-o-barulho-das-criancas-incomoda/>. Acesso em out. 2022.

presenças). O oposto é uma constante constatação no sistema das artes: espaços que excluem crianças, excluem as mães (na dupla sobreposição como artista, se artista, e como público).<sup>18</sup> As ações e modos de ver das crianças não são menos importantes que as ações e modos de ver dos adultos. As crianças, quando também incluídas em primeiro plano das experiências expositivas, tornam visíveis as ortodoxias adultocentristas nos ‘modos de fazer arte’, apontando para outras formas de produção e circulação fundadas e inseridas na vida; nas vidas não circunscritas ao regulamento dos museus e institucionalidades rígidas do sistema das artes.

Embora a discussão mulheres-artistas e/(ou?) mulheres-artistas-mães traga para um primeiro plano a necessidade urgente de publicamente visibilizar e aprofundar o debate sobre a relação entre mulheres, arte e maternidade hoje, o endereçamento do debate parece, de forma recorrente e equivocada, incidir na oposição entre uma condição (materna) *versus* uma outra condição (não materna). Na construção social da maternidade como instituição social compulsória atribuída à performatividade de gênero feminino, o alvo são as mulheres (mães e não mães). Nesse debate uma questão fundamental categórica antecedente permanece soterrada: a discussão sobre a produtividade/visibilidade/legitimação nas performatividades de gênero (para além de binarismos) de mulheres-artistas *versus* homens-artistas.

“Ter filhos é a razão pela qual as mulheres não triunfam tanto como os homens no mundo da arte” como afirmou Marina Abramovic? A afirmação é, isoladamente, problemática pois se abstém de perguntar, criticamente: como opera

---

<sup>18</sup> É urgente, por exemplo, o mapeamento de residências artísticas que vetam a presença de crianças e, conseqüentemente, inviabilizam a presença de mulheres-artistas-mães. O regulamento geral da residência artística Faap, uma das mais importantes do Brasil, por exemplo, é claro: “Em função de limitações do edifício, não são aceitos crianças ou animais na residência”. A exclusão da criança é o impedimento de a mãe socializar. O argumento central da acadêmica britânica Jacqueline Rose (2018, p. 7) no livro *Mothers: an essay on love and cruelty* demonstra como as mães são objeto de crueldade socialmente licenciada e como “a maternidade é, no discurso ocidental, o lugar em nossa cultura onde se alojam, ou melhor, enterramos a realidade dos nossos próprios conflitos a respeito do que significa ser plenamente humano”. No original: *A simple argument guides this book: that motherhood is, in Western discourse, the place in our culture where we lodge, or rather bury, the reality of our own conflicts, of what it means to be fully human.*

a arcaica, perpetuada e cultivada estruturação patriarcal do sistema das artes em seu conjunto de produção, circulação, consumo e legitimação de práticas artísticas?

Na cadeia de automatismos fortemente regulada e hiperinstitucionalizada do século 21, o ativismo feminista – se incluído dos feminismos maternos – é a voz de um desacato em relação ao poder masculino que comanda o estado do mundo e, conseqüentemente, o estado do mundo das artes. É preciso urgentemente tensionar ‘modos de fazer arte’ subordinados às regras tácitas e declaradas impostas para a realização de um ‘certo modo’ de produção artística e teórica patriarcal. Também na produção de si como artista (“eu sou o trabalho de arte”), em um mundo neoliberal-global doentio pautado em autopromoção e superexposição, na exigência de disponibilidade irrestrita para produção-circulação-consumo no sistema das artes (“totalmente livre”) e, não raro, nas novas condições ainda mais precárias de condições de trabalho (na crescente uberrização do mundo), as sujeitas produtoras de arte que constroem práticas artísticas e teóricas questionadoras dissidentes do *establishment* patriarcal são potências revolucionárias que impulsionam mudanças estruturais no sistema das artes.

Se sistema das artes pode ser entendido como a rede de atores que configura o conjunto de indivíduos e instituições responsáveis pela produção, circulação e consumo de objetos e eventos por eles mesmos definidos como artísticos e também pelo estabelecimento de critérios e valores para uma sociedade em determinado período (Fetter, 2018; Bulhões, 1995), artistas podem – e devem – friccionar e tornar visível a hierarquia interconectada do tipo pirâmide que estrutura esse sistema e sua rede de subalternidades em que mulheres – e as marcações de seus hífen – historicamente se assentam na base que sustenta o topo.

### **Mulheres-artistas-mães-acadêmicas-etc.**

Mulheres-artistas-mães – cujas maternagens se apresentam em temas mais ou menos explícitos em suas produções artísticas, mas para quem é impossível não reconhecer as implicações de suas condições de mãe em suas formas de concepção de mundos – são pauta desse bloco. Quando o

endereçamento de criação artística se cruza à produção acadêmica,<sup>19</sup> qual o ‘estado da arte’ das condições de produção e teorizações produzidas pela associação mulheres-mães-artistas-acadêmicas-etc.? Antes de problematizar a pergunta, um adendo para o registro da emergência de organizações institucionais nascidas no Brasil a partir de iniciativas pautadas por mulheres-mães na academia frente a um contexto de produção acadêmica patriarcal, branco, europeu, hostil, competitivo e produtivista que, não raro, se pauta em precárias e hegemônicas avaliações quantitativas e que reflete as disfuncionalidades dos formatos de avaliações neoliberais e impõe um modo único de ‘fazer acadêmico’.<sup>20</sup>

Entre essas iniciativas, está o Parent in Science Brasil que tem como missão suscitar a discussão sobre a maternidade dentro do universo da ciência do país a fim de preencher um vazio de dados e de conhecimento sobre uma questão fundamental: o impacto dos filhos na carreira científica de mulheres.<sup>21</sup>

Apesar de as mulheres representarem 57% dos alunos de graduação e 53% dos de pós-graduação no Brasil, à medida que se avança na carreira científica, a proporção de mulheres diminui drasticamente, fenômeno conhecido como efeito tesoura ou segregação vertical. Muitos fatores podem contribuir para a lacuna de gênero observada na ciência, mas a maternidade certamente tem um papel importante.<sup>22</sup>

<sup>19</sup> Registro que o debate sobre práticas artísticas concentrado na produção individual de sujeitas (re)produtoras de arte integra uma pesquisa mais ampla, sobre ‘Mulheres narrativas’, em andamento. Neste ensaio, opto por não mergulhar especificamente, além do meu contexto acadêmico imediato, em obras, artigos, dissertações ou teses relacionados à maternidade (ou a ela tangentes) para me ater aos questionamentos (*continuum*), de forma mais abrangente acerca das condições de produção (artística e teórica) de mulheres-artistas (também mães-acadêmicas etc.).

<sup>20</sup> O adjetivo na expressão ‘avaliações neoliberais’ deve-se ao fato de que a forma de avaliação contemporânea, que começou a se implantar por volta da década de 1990, promovendo o viés quantitativo, decorre de uma das facetas do ideário neoliberal, a saber, o *empresariamento*, entendido como o preceito de que os órgãos públicos, incluídas as universidades e instituições de pesquisa públicas, devem adotar as formas de administração próprias das empresas privadas. Disponível em: <https://outraspalavras.net/mercadosdemocracia/avaliacao-produtivista-quando-a-academia-imita-a-empresa/>. Acesso em out. 2022.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.parentinscience.com/sobre-o-parent-in-science>. Acesso em out. 2022. Em 2021, o movimento brasileiro venceu a premiação Nature Research Awards for Inspiring Women in Science. A iniciativa visa premiar, celebrar e apoiar as conquistas das mulheres cientistas e de todos que trabalham para encorajar meninas e mulheres jovens a se envolver e permanecer na ciência. É a primeira vez que um projeto do Brasil ganha o prêmio. Disponível em: <https://www.nature.com/immersive/inspiring-womeninscience/index.html>. Acesso em out. 2022.

<sup>22</sup> Carta aberta sobre a indicação de membros dos comitês de assessoramento do CNPQ em Parent in Science Brasil, datada de 21 de abril de 2021. Disponível em: [https://www.parentinscience.com/\\_files/ugd/0b341b\\_a20f5420b33b43a898e8c2faee889e23.pdf](https://www.parentinscience.com/_files/ugd/0b341b_a20f5420b33b43a898e8c2faee889e23.pdf). Acesso em out. 2022.

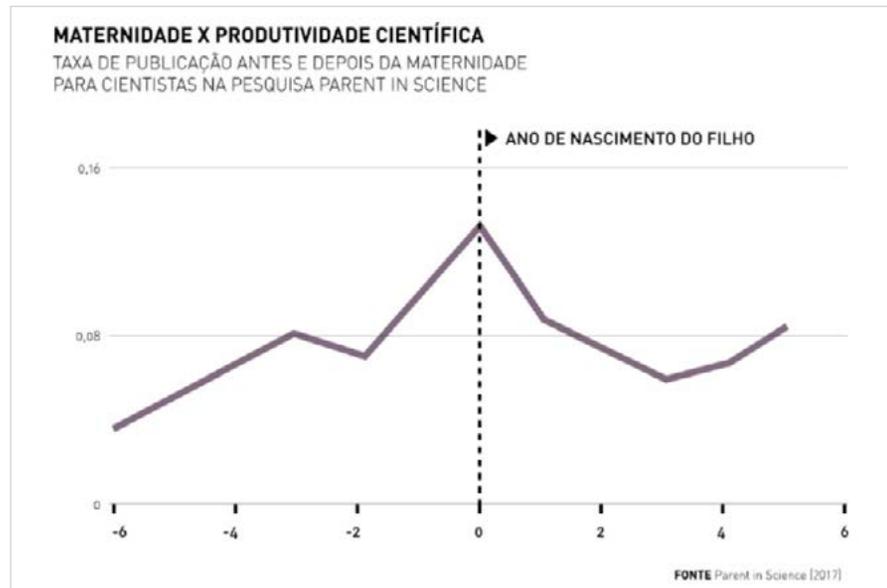


Figura 1

Fonte: <https://www.parentinscience.com/c%C3%B3pia-iii-simp%C3%B3sio-2021>

Em maio de 2018, o Parent in Science Brasil realizou o I Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência, que abordou os desafios de ser mãe na academia brasileira, discutindo soluções para reduzir as disparidades de gênero.<sup>23</sup> Apresentando iniciativas de políticas públicas de apoio à maternidade na carreira acadêmica no contexto internacional,<sup>24</sup> nessa ocasião também foi proposta a *hashtag* #maternidadenolattes, que ganhou força nas redes sociais e mídias, para promover a discussão sobre a inclusão de informações sobre maternidade na base de currículos Lattes a fim de quantificar e, conseqüentemente, mitigar seus efeitos no meio acadêmico brasileiro. A implementação da demanda decorrente da mobilização do grupo, ocorrida em abril de 2021, possibilita que mulheres e homens possam incluir facultativamente a data de nascimento ou adoção de seus filhos na base de dados do CV Lattes.<sup>25</sup> Se quantificar torna-se mais possível a partir da inclusão da informação, politizar institucionalmente seus efeitos em ações afirmativas inclusivas ainda é luta do presente.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.parentinscience.com/c%C3%B3pia-iii-simp%C3%B3sio-2021>. Acesso em out. 2022.

<sup>24</sup> Entre elas, o Maternity Funding na Austrália, apoio público para retomada da carreira acadêmica durante e após a licença-maternidade com subsídios governamentais.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6p0EShGB1m8>. Acesso em out. 2022.

Outra iniciativa a ser pontuada, agora no contexto carioca, é o Grupo de Trabalho Mães Cientistas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), criado por docentes durante a pandemia da covid-19.<sup>26</sup> Uma carta<sup>27</sup> é encaminhada à reitoria sugerindo adequações e encaminhamentos nas instâncias internas da Uerj que mitiguem os efeitos dessa desigualdade histórica de gênero e seus impactos na vida das mães cientistas:

A pandemia da covid-19 escancarou as profundas desigualdades sociais que existem no Brasil. Percebemos que, ao contrário do que foi preconizado no início da crise sanitária, não estamos todas/os no mesmo barco. Publicações crescentes de matérias jornalísticas e análises científicas confirmam que as mulheres estão sendo e serão as mais afetadas pelo isolamento social, especialmente as mulheres negras. São impactos negativos que vão desde perda de emprego/renda, dificuldades na realização do trabalho remoto devido a dinâmicas do cuidado com filhas/os e outras/os dependentes, aumento da violência doméstica e feminicídio, entre outros. Diante dessa realidade, um grupo de docentes da UERJ criou um Grupo de Trabalho para refletir e propor medidas capazes de atenuar o impacto da pandemia entre as mulheres da nossa comunidade acadêmica. As docentes entendem que nossa instituição deve iniciar com urgência um debate que favoreça formas mais igualitárias de atuação profissional, analisando como as questões de gênero – a maternidade entre elas – afetam o trabalho das mulheres da comunidade acadêmica.

Nessa mesma instituição, em outubro de 2021, é instituído o auxílio-creche para estudantes mulheres com filhos até sete anos.<sup>28</sup> Em março de 2022, é

<sup>26</sup> Embora criado por docentes, o GT pretende agregar as demandas de todas as mães da comunidade acadêmica e produzir reflexões sobre como as dimensões do gênero e do cuidado atravessam o trabalho acadêmico das mulheres de forma geral. Disponível em: <https://www.humanasrede.com/post/grupo-de-trabalho-m%C3%A3es-cientistas-da-uerj>. Acesso em out. 2022.

<sup>27</sup> Disponível em: <https://asduerj.org/v7/wp-content/uploads/2020/09/CARTA-PARA-REITORIA-FINAL.pdf>. Acesso em out. 2022.

<sup>28</sup> O auxílio-creche é voltado para estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação *stricto sensu* que tenham filhos em idade de educação infantil. De acordo com o Ato de Decisão Administrativa (Aeda) 54/2021, o valor de R\$ 900,00 por criança – o mesmo concedido atualmente aos servidores da universidade – será pago aos estudantes regularmente matriculados, com filhos na faixa etária estipulada: de zero a sete anos incompletos (seis anos, 11 meses e 29 dias). Disponível em: <https://www.uerj.br/noticia/reitoria-institui-auxilio-creche-para-estudantes-com-filhos-ate-7-anos-e-auxilio-transporte-durante-a-pandemia/>. Acesso em out. 2022.

anunciada a inclusão do tempo de licença-maternidade na contagem do estágio probatório de professoras e técnicas administrativas.<sup>29</sup>

Uma pesquisa recente aponta que 59% das mulheres-acadêmicas definiram o impacto da maternidade na carreira acadêmica como bastante negativo, e 22% o consideraram negativo.<sup>30</sup> No efeito tesoura ou segregação vertical que se dá com a maternidade em conexão à academia é urgente debater, publicamente, o desenvolvimento de políticas e ações voltadas para a garantia de recursos e condições de permanência e continuidade das pesquisas de mulheres-acadêmicas. Entre as demandas, estão outros formatos de concessão de bolsas e financiamento de agências de fomento; outros critérios de avaliação de produtividade; reconhecimento real da licença-maternidade como uma pausa na carreira; suporte e assistência às mães para participação em eventos acadêmicos.<sup>31</sup> Para que uma mãe esteja presente em um evento acadêmico – em sentido amplo, aulas inclusas – cabe perguntar sempre: por quem, como e por quanto a criança é assistida<sup>32</sup>?

É fundamental, também, ir além de questões práticas. Precisamos problematizar ativamente o modelo de produção acadêmica patriarcal, branco e classista que somos ensinadas a desejar como única forma de produção de pensamento legítimo. Especialmente na área de artes e humanidades, quais são as outras formas de produções acadêmicas possíveis para a tão necessária composição de cartografias de mudanças de processos de subjetivação conectadas à escrita e sua teorização?

<sup>29</sup> O estágio probatório se estende pelos três primeiros anos de atividade do funcionário público. Disponível em: <https://www.uerj.br/noticia/uerj-inclui-tempo-de-licenca-maternidade-na-contagem-do-estagio-probatorio-de-docentes-e-tecnicas/>. Acesso em out. 2022.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.parentinscience.com/c%C3%B3pia-iii-simp%C3%B3sio-2021>. Acesso em out. 2022.

<sup>31</sup> Discussões propositivas encontram-se presentes em documentos na plataforma Parent in Science Brasil e também no Caderno Especial “Arte e Maternidades”, da *Desvio*, revista da graduação da EBA/UFRJ, edição 6, de julho de 2019. Disponível em: <https://revistadesvio.com/2019/09/01/sexta-edicao-da-revista-desvio/>. Acesso em out. 2022.

<sup>32</sup> Sobre o amplo tema dos cuidados, em uma perspectiva contracolonial e antirracista, Françoise Vergès (2020) é um excelente ponto de partida. “De quem são os corpos violentados pelo trabalho de cuidar e limpar as cidades? Como a colonialidade se estrutura e reproduz (im)possibilidades nos corpos racializados das mulheres?” Essas são algumas das inquietações que movem Vergès em sua primeira obra editada no Brasil: *Um feminismo decolonial*.

Se a arte denuncia a distribuição de lugares na cartografia vigente e torna visíveis os conflitos, a arte pode, também, identificar pontos de asfixia no processo vital e irromper a força de criação de outros mundos (Rolnik, 2018). O que artística e teoricamente criamos enquanto literalmente criamos?

### Cartografar um ‘em casa’, narrar

Em 2009, a entrevista pela qual passei no processo de seleção para o ingresso no doutorado acabou por se estender por um lastro de tempo ao menos dobrado em relação ao outro candidato. Cerca de 50 minutos ou mais foram dispensados inteiramente na arguição sobre qual seria minha estratégia para garantir o aleitamento do meu bebê, ainda na barriga àquela altura, enquanto estivesse cumprindo os créditos das disciplinas iniciais do curso, e também para enumerar os casos de insucesso de outras colegas mulheres que se propuseram a multiplicar-se entre a casa e a rua.

Na verdade eu acredito que me posiciono como uma pesquisadora e artista ou artista e pesquisadora ou como pesquisadora e artista. Durante a minha vida acadêmica, mestrado e doutorado, eu sempre fui muito criticada pelo meu tipo de texto, que era um texto mais ensaístico.

Ambos os depoimentos acima são da mulher-artista-mãe-acadêmica-etc. Roberta Barros. O primeiro é o parágrafo inicial do livro *Elogio ao toque: ou como falar de arte feminista à brasileira* (Barros, 2016, p. 10) desdobramento de sua tese de doutorado (PPGAV/EBA/UFRJ) de título homônimo e pela qual recebeu o prêmio Gilberto Velho de melhor tese daquele ano. O segundo é parte integrante da entrevista “Feminismo maternal, arte contemporânea e violência obstétrica”, concedida em 2019 ao Caderno Especial “Arte e Maternidades”, do número 6 da *Desvio*, revista da graduação da EBA/UFRJ.<sup>33</sup> Lidos em conjunto, eles questionam as formas de produção de pensamento acadêmico. Quem, porém, pode questionar o que nas lutas pela manutenção do *establishment* acadêmico?

---

<sup>33</sup> Disponível em: <https://revistadesvio.com/2019/09/01/sexta-edicao-da-revista-desvio/>. Acesso em out. 2022.

“Na abertura de espaço que se dá junto-com (dis)rupturas radicais para estados de maternagem está a (re)invenção de outros dispositivos para a leitura e a escrita” (Sommer, 2021, p. 137). Se a maternidade incorpora as adversidades (no sentido de contratempos, obstáculos, dificuldades) como *modus operandi* para criação de sujeitos, ela inaugura também consigo o império do tempo fragmentado. Por que não, então, acolher junto com as novas formas de vida nascentes as novas formas de escrita que nascem também a partir dela? “Na firmiação e a afirmação da vida, escreve-se como se vive” (p. 137).

Uma (des)forma de escrever que é (aparentemente) desintegrada e que organiza (organiza?) aquilo que já vem desorganizado, primeiro chega uma palavra, depois outra palavra e só depois chega a significação (chega?) e, então, alguma sintaxe. Maternidade ambivalente, escrita ambivalente: prolixa e elíptica, sucinta e excessiva, detalhista e lacunar. Alguns verbos parecem esquecer o sujeito-sujeita (re)produtor-(re)produtora. Quando não se lê e não se escreve – pelo menos não a partir da lógica absoluta, totalizante, da universalidade da leitura e da escrita – emergem também de palavras, de línguas, e mais outras com-posições, além. Outras escritas possíveis (Sommer, 2021, p. 155).

No estado específico do sensível do verbo maternar, na vulnerabilidade ao outro, na vulnerabilidade de si, de forma latente à espreita ou manifesta, há um desejo de escuta, um desejo de narrar. E narrar é o que possibilita que a experiência ocorra, já apontou Walter Benjamin (1994). Em tentativas de atribuir sentido ao que vai sendo vivido que não é exclusivamente criação individual nesse processo (embora também seja), como, então, a partir do espaço privado, do âmbito doméstico, no processo de maternar, tocar a vida com a arte e por meio da arte, na vida, nas vidas que insistem em perseverar?

A presença do artista na academia produz um novo tipo de escrita de artista. O artista-pesquisador, como denomina Ricardo Basbaum (2013), tem seu trabalho de arte transformado em pesquisa, além de ser conduzido por padrões cientificistas dentro de parâmetros tecnocráticos e produtivistas, em que o ‘saber da arte’ não encontra seu espaço, criando uma fragmentação entre saber da arte (verdade produzida nos trabalhos de arte) e saber sobre a arte (discurso da história da arte).

Para mulheres-artistas-mães-etc. o ingrediente maternidade é adicionado ao ‘saber da arte’ que (des)encontra seu espaço (possivelmente um duplo desencontro). No discurso que se inscreve como parte constituinte da obra, nas mutações indutoras de uma condição contemporânea da arte, se poéticas produzem formas de vida, formas de vida também produzem poéticas como ação integrante fundamental da produção da diferença. E a produção da diferença também está na produção teórica de saber.

“Síndrome da impostora: por que as mulheres se sentem fraudes e como isso dialoga com os ‘idiotas confiantes’?” pergunta Ligia Moreiras, da plataforma “Uma mãe cientista”.<sup>34</sup> Ao analisar a síndrome da impostora a partir de uma questão de gênero como um fenômeno estrutural social, emocional e psíquico que faz com que as mulheres se considerem pouco eficientes, incapazes ou desconfiem de suas próprias habilidades como algo aprendido e reforçado também por aquilo que aprendemos como modelo, não é difícil pensar, por analogia, na estruturação do sistema acadêmico de validação de conhecimento científico baseado em ‘um certo modo de fazer’.

Haraway (1988), no final dos anos 1980, já apontava para o perigo de perspectivas narrativas totalizantes e universais baseadas na voz narrativa branca, masculina, heterossexual que tradicionalmente não precisa ser marcada no nível do discurso, reivindicando a construção de conhecimentos científicos situados em perspectivas a partir de baixo.

Para evitar comportamentos de autossabotagem do tipo ‘produção artístico-teórica não suficientemente boa’ em trabalhos realizados por mulheres-artistas-mães-acadêmicas-etc. e contribuir para a desconstrução da ideia de uma voz narrativa única, branca, masculina, universal, situando vozes enunciativas a partir de perspectivas narrativas feministas matricêntricas<sup>35</sup>

<sup>34</sup> Disponível em: <https://cientistaqueviroumae.com.br/sindrome-da-impostora/>. Acesso em out. 2022.

<sup>35</sup> Aqui, evocam-se as contribuições da pesquisadora feminista norte-americana Andrea O’Reilly (2016). Em linhas gerais as bases teóricas do feminismo matricêntrico fomentam o debate sobre construção de gênero, por meio de maternidade, para ser integrado às discussões do feminismo acadêmico porque “a maternidade importa e integra a subjetividade das mães e suas experiências no mundo [...] a apreensão sobre a diferença de gênero é o elefante na sala do feminismo acadêmico” (p. 204). O’Reilly defende a criação de um ativismo e de uma teoria sobre maternidade, aponta que o feminismo invisibiliza as pautas das mães, e que ser mãe coloca as mulheres em um lugar de dupla opressão. Sinaliza que a maternidade deve ser um exercício mais valorizado pela sociedade, mas que não define uma mulher, assim como criar uma criança não deve ser uma responsabilidade exclusiva das mães. Aponta, ainda, a importância de enxergar a maternidade como múltipla, atravessada pela vivência de cada mulher e que deve ser vista de acordo com recortes raciais, étnicos, de orientação sexual, geracionais e geográficos.

para a composição de outros modos de fazer pesquisas acadêmicas, retomamos perguntas históricas já suscitadas pelos estudos feministas como impulsos para (auto)validação de outras formas de criação, também teóricas.

---

Quem formula as perguntas na historiografia da arte?<sup>36</sup>

Quem tem permissão para criar?<sup>37</sup>

Nas condições para a criação, qual o tempo das mulheres x o tempo dos homens?<sup>38</sup>

Como construir um feminismo sem levar em conta as epistemologias originárias? Sem absorver as gramáticas das lutas e dos levantes emancipatórios que acompanham nossas histórias? Como podemos reconsiderar as fontes e conceitos do feminismo ocidental?<sup>39</sup>

---

Se a academia pode ser uma armadilha falocrática “que vincula o poder-da-razão à razão como poder”, como apontou Nelly Richard (2002), ela também pode ser o que orienta a consciência acerca do caráter discursivo do real-social no inverso do modelo colonial branco, letrado e metropolitano em direção à incorporação da potência da oralidade. Nesse contexto, renunciar à teoria seria a privação de compreender, sistematizar e transformar enquanto a sua incorporação é instrumento de formação e luta intelectual para as mulheres.

Em obras que contam histórias, quando o discurso se torna também prática artística, as visualidades implicam-se com perspectivas narrativas produzindo novas associações teóricas. Para expansão da compreensão do que se entende por linguagem visual até então pautada exclusivamente no imagético, torna-se necessário integrar ferramentas teóricas e críticas provenientes de estudos pertinentes a outros campos do saber, deixar-se friccionar, ficcionar. Nesse

---

<sup>36</sup> Nochlin (2016). Publicado originalmente na revista estadunidense *ArtNews*, em 1971. A partir da tentativa de resposta à pergunta do título, Nochlin questiona metodologias da história da arte e a construção de sua narrativa apontando a diferença de ‘grandiosidade’ entre gêneros ao problematizar quem formula a pergunta na historiografia da arte.

<sup>37</sup> Aqui, Nochlin (2019), na subjetividade da própria prática de historiadora da arte, questiona quem tem permissão para criar e insere o papel da biografia como fundamental para a leitura do contexto social da criação artística.

<sup>38</sup> bel hooks (2019) toma o tempo como questionamento fundamental para a compreensão das condições para a criação na divisão desigual do tempo das mulheres e tempo dos homens.

<sup>39</sup> As perguntas são lançadas por Holanda (2020) na introdução do livro que reúne um conjunto de vozes de acadêmicas feministas brasileiras e latino-americanas teorizando diante do giro decolonial e das teorias feministas contracoloniais.

contexto, ‘mulheres-narrativas’ apontam para visualidades/visibilidades poéticas/políticas que constroem outras formas de narrar, academicamente também.

A quarta onda feminista também impulsiona a eclosão de obras relacionadas à temática maternidade no sistema das artes – ainda que de forma incipiente na composição das atuais temáticas *zeitgeist* que regem a arte contemporânea – e, possivelmente, de forma consequente e mais recentemente, a produção de trabalhos acadêmicos cujo assunto se apresenta de forma mais ou menos explícita em teorizações. Circunscrevendo a emergência dessa questão a partir do meu universo acadêmico imediato (aqui restrito a um incompleto recorte carioca para a construção desta ainda incipiente pesquisa),<sup>40</sup> registro as produções teóricas recentes de Luiza Baldan, Cecilia Cavalieri, Mariana Guimarães e Mariana Pimentel.

Luiza Baldan (2021) publica ‘Corpo Sororo’, um texto-coro que nasceu de conversas registradas em áudio com 19 mulheres-artistas-mães e é parte integrante de sua tese de doutorado *A imagem no fim*. Construindo uma espécie de colagem, nomes individuais são suprimidos para enfatizar a multiplicidade de subjetividades que discorrem sobre temas intrínsecos à maternidade – gestação, aborto, parto, morte, puerpério, depressão, cuidado, redes de apoio, feminismos, intelectualidade, amamentação, corpo, sexo, bebês e tantos outros tópicos mais (Baldan, 2020).

Afe maria, pouca coisa ein fial! Eu vou começar a falar, não sei assim, já pensei muito sobre o assunto mas nunca verbalizei tanto. Então vamos ver o que sai assim, do nada, pra uma coisa que ainda não foi tão processada verbalmente, sabe? Como essas coisas não estão elaboradas, elas vão surgindo aos poucos. A primeira tentativa de falar alguma coisa, eu achei tão desinteressante que eu desisti. Estou há tempos pra gravar porque é uma coisa que eu sempre penso mas nunca consigo tecer um pensamento mais linear sobre. É um desafio. Não tinha muito claro que eu queria ser mãe, foi um mega susto, eu era muito livre até então. Acho que a gente continua sendo, mas é outro tipo de liberdade agora, talvez até mais gostosa. Quando eu paro para pensar de fato em tudo o que aconteceu depois que eu fiquei grávida, eu penso: “caramba, quanto tempo tem isso?!” Quanta coisa eu fiz e não fiz. Isso se torna uma questão pra mim. Tenho muito o que falar, muito o que dividir, acho que são vários processos, vários questionamentos, medos, muitas mudanças ao mesmo tempo. Eu acho que vai ser um pouco longo, é muita coisa pra contar. Quando eu tava pensando em gravar esse áudio, só me veio à cabeça todos os problemas que aconteceram, como eu tive que abrir mão, aquela coisa meio clichê. Mas na verdade, talvez eu quisesse falar de um ponto de vista quase místico que a gravidez me trouxe. Como botar isso em palavras? Me trouxe uma força e uma conexão comigo que estava meio guardada, meio perdida, e me trouxe mais próxima de mim nesse desenvolver um trabalho autoral. É difícil explicar porque é um sentimento que foi se refazendo dentro de mim de diversas formas, então cada hora eu sentia uma coisa. Preciso falar mais, mas não sei se é por aí, é que esse assunto está muito me interessando agora. Eu realmente tô nadando nessa água. Um amigo médico dizia que a gravidez é um milagre. Eu nunca compartilhei muito dessa opinião científica dele. Pelo contrário, o meu médico obstetra era uma referência no parto humanizado e sempre me dizia que as mulheres têm filho há milênios e a medicina obstétrica tem apenas umas centenas de anos. As mulheres sabem muito mais do que os obstetras. Mas esse meu amigo médico dizia que quem estuda medicina sabe de tantas possibilidades de não dar certo que a única resposta para um parto é que é um milagre. Apesar de não concordar com ele, eu acho isso tão bonito. O semelhante gerar o semelhante é um dos princípios da alquimia. Essa coisa de transformar o metal em ouro é só uma desculpa pra se chegar na criação de um ser. Toda a procura mais oculta da alquimia é a procura pela criação. Como se gera um ser? Como é possível? Essa é toda a questão da criação do mundo, é uma coisa do

#### Figura 2

Trecho de *Corpo Sororo*, de Luiza Baldan. Fonte: [http://editoracircuito.com.br/website/wp-content/uploads/2022/01/Desilha3\\_web.pdf](http://editoracircuito.com.br/website/wp-content/uploads/2022/01/Desilha3_web.pdf)

<sup>40</sup> Opto neste ensaio por circunscrever, no recorte geográfico do Rio de Janeiro, estudos teóricos com os quais tive, nos anos de pesquisa de pós-doutorado (2017-2022), uma interlocução direta a partir de contextos acadêmicos.

Cecilia Cavalieri (2021) cruza prática contrafilosófica e especulativa (e outros gotejamentos além) em ‘Poéticas do leite, políticas do céu’, segmento de sua tese de doutorado (em andamento) que se configura como um passeio cosmogônico que começa num sonho e termina em outro. Entre esses dois pontos, Cecilia apresenta um ensaio pensado-com mamíferes para discutir questões micro e macrocósmicas de gênero, nutrição e cuidado. O texto é uma constelação de lactose que relaciona arte, natureza, economia/ecologia, maternidade e animalidade.



Figuras 3 e 4  
Via Lácteas, de Cecilia  
Cavalieri  
Fonte: acervo da artista

Mariana Pimentel (2019) conduz a pesquisa em processo ‘Como tornar-se uma teórica-doméstica?’.<sup>41</sup> Diante das tentativas de conciliar trabalho intelectual e trabalho reprodutivo, pergunta:

O que fazer? Decido, portanto, assumir esse corpo-troncho, estranho, alheio que é a teórica-doméstica e fazer dele um dispositivo contra-pedagógico por meio do qual experimento uma outra oikonomia da produção teórico-acadêmica, outras formas de relação professor-estudante, professor-pesquisa, pesquisador-objeto no interior da própria instituição. Forçando-a de dentro a se “feminilizar”, desnaturalizando esse corpo masculino que somos levados a desejar e performar como única possibilidade de prática acadêmica.<sup>42</sup>

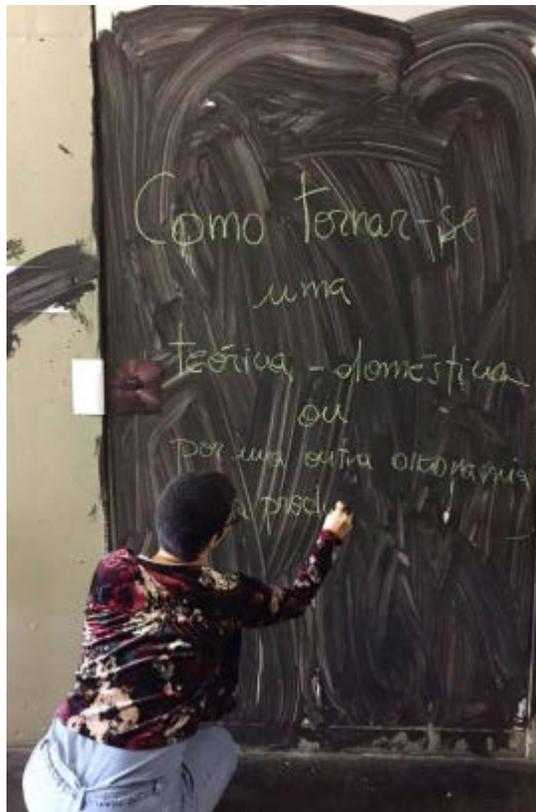


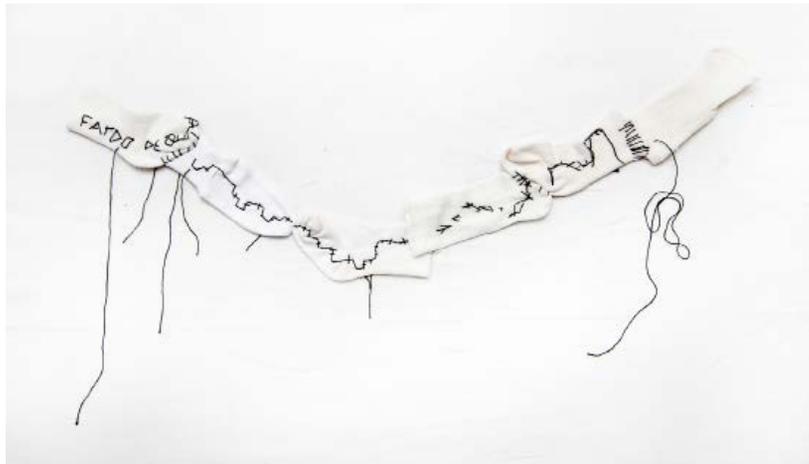
Figura 5

Como tornar-se uma teórica-doméstica? de Mariana Pimentel. Fonte: <https://teteia.org/post/617937207529013248/o-trabalho-dom%C3%A9stico-como-trabalho-de-arte>. Acesso em outubro de 2022

<sup>41</sup> Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=neRbtDie3TO>. Acesso em out. 2022.

<sup>42</sup> Ver: <https://teteia.org/post/617937207529013248/o-trabalho-dom%C3%A9stico-como-trabalho-de-arte>. Acesso em out. 2022.

Mariana Guimarães (2021) em sua tese *O fio como invenção de outros possíveis: a casa, o jardim, a mulher e a obra* investiga “entre teoria e arte realizadas em conexão e a partir das conexões entre linguagem têxtil, o espaço doméstico e as condições de sustentar o desejo e a invenção da subjetividade artista, mulher, mãe, pesquisadora e educadora”. E no ato de criar na criação, aponta: “Criar é imenso, entre continuidade e ruptura. Imensidão” (p. 197).



**Figura 6**  
Mariana Guimarães, *Cicatriz*,  
bordado sobre meia de  
recém-nascido.  
Rio de Janeiro, 2012  
Fonte: acervo da artista



**Figura 7**  
Mariana Guimarães, *Histórica*  
*Histórica*, bordado da série  
Tempo Templo, composto  
por nove bordados com  
linhas de seda em capas de  
algodão  
Rio de Janeiro, 2019  
Fonte: acervo da artista

Registro, também entre iniciativas acadêmicas de debate sobre maternidade na universidade, o projeto de pesquisa e extensão ligado ao IFFluminense ‘ovaziodaquarta’, que se propõe investigar os modos produtivistas do capital, dando especial atenção ao peso que eles adicionam não somente na rotina, mas na própria autopercepção de mulheres mães e em como a arte conceitual da performance, nomeada em meados dos anos 1960, quando unida às práticas contemplativas, potencializa os espaços de criação em que habitualmente se lê espaço vazio.



Figura 8

Coletivo Arte e Maternagem em exposição dos trabalhos selecionados e apresentados no Encontro Fluminense de Arte e Maternidade que ocorreu nos dias 10 e 11 de dezembro de 2021 Fonte: <https://www.instagram.com/arteematernagem/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D>, acesso em outubro de 2022

Enquanto finalizo este ensaio, é lançado o edital “Mulheres e o ensino de arte no Brasil”,<sup>44</sup> enfatizando a carência de pesquisas sobre a formação de artistas mulheres:<sup>45</sup>

a presença de alunas segue invisibilizada até mesmo em publicações oficiais de escolas, institutos e liceus. O objetivo do seminário é contribuir, portanto, para o esforço de mapeamento e publicação de pesquisas que investigam a educação feminina em artes no Brasil, as estratégias, as estruturas e as oportunidades acessadas/negadas em diferentes períodos e como isso se refletiu posteriormente.

Aqui, sobre mulheres-artistas-mães-acadêmicas-etc., no específico recorte da maternidade, não escapamos, ainda, da cisgeneridade e da evidência da ausência de representação da diversidade de orientação sexual-afetiva, étnica e de classe, em um grupo que se configura essencialmente branco e de posições sociais privilegiadas. Se o tema maternidade invade a academia, simultaneamente evidencia as gritantes ausências da falta de condições para a criação na divisão desigual do tempo e condições de produção também entre mulheres. Quem é que não está aqui?

Na Mãelhação de mulheres-artistas-mães-acadêmicas-etc. no sistema das artes veem-se, ainda que de forma assimétrica e mais ou menos enunciada em discursividade, a reivindicação por visibilidades para o trabalho reprodutivo, a inclusão de práticas artístico-teóricas das sujeitas (re)produtoras de arte no patriarcal sistema das artes e a legitimação de outras formas de fazer arte e teoria que vem com a vida, as vidas. Se são as mulheres que sustentam o topo da pirâmide que estrutura a rede de subalternidades desse sistema das artes com seus hífen, são elas, também, que detêm o poder de fazê-lo ruir para a criação de outro, outres. Imensos.

<sup>43</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/\\_ovaziodaquarta/](https://www.instagram.com/_ovaziodaquarta/). Acesso em out. 2022.

<sup>44</sup> Seminário *online* será realizado nos dias 14-17 de março de 2023 e é uma iniciativa de docentes e pesquisadoras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Disponível em: <https://linktr.ee/seminariomulheresnaarte>. Acesso em out. 2022.

<sup>45</sup> O edital registra, em anotações históricas, as proibições e limitações para ingresso na educação formal de mulheres na arte: a Académie Royale de Peinture et de Sculpture, da França, em seus 145 anos de existência (1648-1793) teve apenas 15 alunas; sua sucessora, a École des Beaux-Arts, criada em 1816, só permitiu que mulheres realizem provas de admissão em 1897 e atenta que, no Brasil, a Academia Imperial de Bellas Artes seguiu o modelo de ensino francês, não permitindo o ingresso de alunas até o período republicano. Somente em 1892, com outro nome, Escola Nacional de Bellas Artes, a instituição passou a aceitar inscrições de pessoas de ambos os sexos.

**Michelle Farias Sommer** é pesquisadora e escritora; atua no ensino de história, teoria e crítica de artes visuais. É professora adjunta do Departamento de Teoria e História da Arte do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É autora e organizadora de diversos livros e artigos e privilegia como tema arte contemporânea brasileira e latino-americana com enfoque em produções experimentais e, mais recentemente e a partir deste contexto, produções artísticas de orientação feminista realizadas a partir de perspectivas anticoloniais. interseccionais. É mãe de Livy.

### Referências

- BALDAN, Luiza. Corpo Sororo. In: FLORES, Livia; SOMMER, Michelle. *Cadernos Desilha 3*. Rio de Janeiro: UFRJ/Editora Circuito, 2021, p. 162-179. Disponível em: <https://www.luizabaldan.com/proj/corpo-sororo/>. Acesso em out. 2022.
- BALDAN, Luiza. *A imagem no fim*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Artes Visuais/Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020.
- BARROS, Roberta. *Elogio ao toque: ou como falar de arte feminista à brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- BASBAUM, Ricardo. *Manual do artista-etc*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2013.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia, Técnica, Arte e Política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BULHÕES, Maria Amélia. Lacunas como ponto de partida. In: *Artes plásticas no Rio Grande do Sul: pesquisas recentes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995.
- CAVALIERI, Cecília. Poéticas do leite, políticas do céu. In: FLORES, Livia; SOMMER, Michelle. *Cadernos Desilha 3*. Rio de Janeiro: UFRJ/Editora Circuito, 2021, p. 180-206. Disponível em: <http://editoracircuito.com.br/website/desilha-3-michelle-sommer-e-livia-flores-org/>. Acesso em out. 2022.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FETTER, Bruna Wulff. Das reconfigurações contemporâneas do(s) sistema(s) da arte. *Modos: Revista de História da Arte*, Campinas, v. 2, n. 3, p. 102-119, 2018. DOI: 10.24978/mod.v2i3.1077. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8663230>. Acesso em out. 2022.

GUIMARÃES, Mariana. *O fio como invenção de outros possíveis: a casa, o jardim, a mulher e a obra*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Artes Visuais/Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

HARAWAY, Donna. *Situated Knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective*. *Feminist Studies*, v. 14, n. 3, p. 575-599, 1988.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Introdução. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 11-34.

hooks, bell. Artistas mulheres: o processo criativo [1995]. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (orgs.). *Histórias das mulheres, histórias feministas. Antologia*. São Paulo: Masp, 2019, p. 236-243.

JAY, Martin. *Songs of experience: modern American and European variations on a universal theme*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 2005.

NOCHLIN, Linda. Como o feminismo nas artes pode implementar a mudança cultural [1974]. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (orgs.). *Histórias das mulheres, histórias feministas: Antologia*. São Paulo: Masp, 2019, p. 72-80.

NOCHLIN, Linda. Por que não houve grandes artistas mulheres? [1971] Trad. Juliana Vacaro. São Paulo: Edições Aurora, 2016. Disponível em: [https://www.google.com/url?q=http://www.edicoesaurora.com/6-por-que-nao-houve-grandes-mulheres-artistas-linda-nochlin/&sa=D&source=docs&ust=1665173357491966&usg=AOvVaw1aEGuvL6ct9C5oZFw\\_YPJU](https://www.google.com/url?q=http://www.edicoesaurora.com/6-por-que-nao-houve-grandes-mulheres-artistas-linda-nochlin/&sa=D&source=docs&ust=1665173357491966&usg=AOvVaw1aEGuvL6ct9C5oZFw_YPJU). Acesso em outubro de 2022.

O'REILLY, Andrea. *Matricentric feminism: theory, activism, and practice*. Bradford, ON: Demeter Press, 2016.

PIMENTEL, Mariana. O trabalho doméstico como trabalho de arte. *Teteia*, ano 2, v. 2, ano 2, 2019. Disponível em: <https://teteia.org/post/617937207529013248/o-trabalho-dom%C3%A9stico-como-trabalho-de-arte>. Acesso em out. 2022.

RICHARD, Nelly. Experiência e representação: o feminino, o latino-americano. In: *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 142-155.

ROLNIK, Suely. *Geopolítica da cafetinagem*, 2006. Disponível em: <https://transversal.at/transversal/1106/rolnik/pt>. Acesso em out. 2022.

ROLNIK, Suely. *Subjetividade antropofágica*. XXIV Bienal de São Paulo (catálogo). São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1998, p. 128-136.

ROSE, Jacqueline. *Mothers: an essay on love and cruelty*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2018.

SOMMER, Michelle Farias. Diante da escrita diletante\*: como é que escreve?. In: FLORES, Livia; SOMMER, Michelle. *Cadernos Desilha 3*. Rio de Janeiro: UFRJ/Editora Circuito, 2021, p. 137-161. Disponível em: <http://editoracircuito.com.br/website/desilha-3-michelle-sommer-e-livia-flores-org/>. Acesso em out. 2022.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Editora UBU, 2020.

Dossiê recebido em agosto de 2022 e aprovado em novembro de 2022.

Como citar:

SOMMER, Michelle Farias. Mãelhação: mulheres-artistas-mães-acadêmicas-etc e o sistema das artes. Dossiê Poder, mulheres e feminismos nas artes. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 28, n. 44, p. 294-319, jul.-dez. 2022. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n44.16>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>